

n.º de Ordem 1001009

Livraria do Lavrador

LXI

Os Cravos

PUBLICAÇÃO DO
«LAVRADOR»



— 1936 —

COMPOSTO E IMPRESSO NAS
OFICINAS GRÁFICAS DE
O COMÉRCIO DO PORTO

RC
MNCT
63
CRA

COMPANHIA HORTÍCOLA

Quinta das Virtudes — PORTO

O mais ANTIGO e completo estabelecimento
de HORTICULTURA DA PENÍNSULA

Fundado em 1849 por JOSÉ MARQUES LOUREIRO

Não façam as suas compras sem
consultar os NOSSOS PREÇOS

CONSTRUÇÃO DE JARDINS, PARQUES E POMARES



PEÇAM
O NOSSO
CATÁLOGO

QUE SE
ENVIA
GRÁTIS

MARCA REGISTRADA

ÁRVORES DE FRUTO, FLORESTAIS, VIDEIRAS E ROSEIRAS

ADUBOS para tódas as culturas com dosagens
garantidas, marca «TREVO DE 4 FOLHAS»

Consulte o nosso Catálogo n.º 72 da página 66 a 74

ÁRVORES DE FRUTO: A mais rigorosa selecção; a
produzirem imediatamente os mais apreciados frutos.

Batata para semente «PRIMOR»

Veja nosso Catálogo n.º 72, a página 53-54

Sementes de Horta, Jardim, Prados e Forragens

Perfeita selecção e germinação garantida

Livraria do Lavrador

LXI

Os Cravos

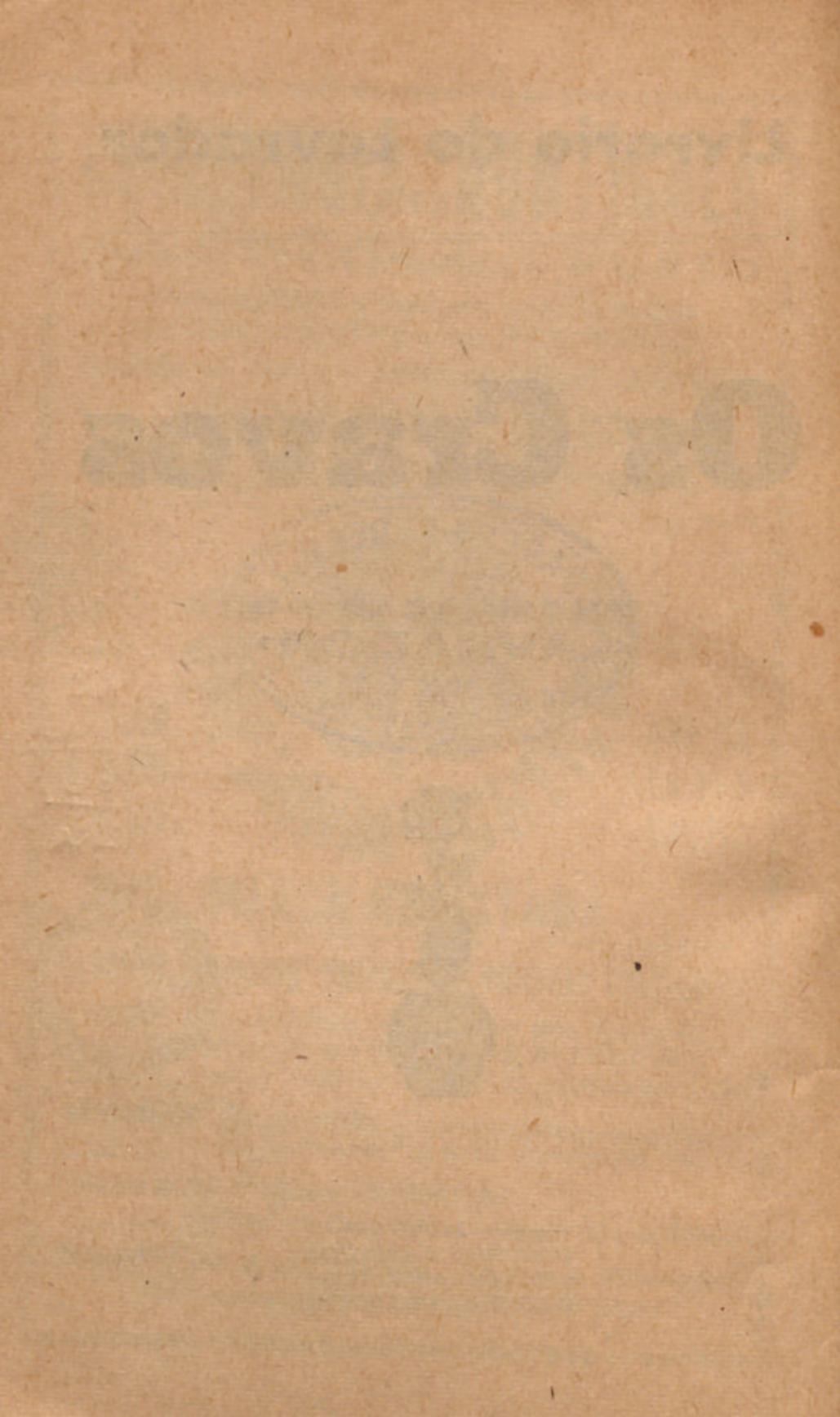


COMISSÃO CIENTÍFICA PARA
O FOMENTO DE CARVALHOS

RC
MNCCT
63
CRA



1936
COMPOSTO E IMPRESSO NAS
OFICINAS GRÁFICAS DE
O COMÉRCIO DO PORTO



PREFÁCIO

O craveiro (Dianthus), é uma planta conhecida desde remotos tempos que, pela beleza das suas flôres, variedade, suavidade do seu perfume e colorido,—com as mais variadas combinações, desde o branco puro ao purpura vivo,—rivalisa com a Rosa, dando-lhe o direito de ocupar, nas culturas ornamentais, um dos primeiros lugares, como planta de colecção.

Vegeta bem, em qualquer parte, mesmo à beira mar, desde que esteja abrigado dos ventos.

Os cravos podem dividir-se em dois grandes grupos:

1.º—Cravinas—compreendendo tôdas as espécies obtidas por semente, de flôr singela, semi-dobrada ou dobrada.

Das várias espécies de cravinas, as que mais interessam à jardinagem são as seguintes:

DIANTHUS BARBATUS (*Mauritánias*)—
Planta bisanual e vivaz, de caules erectos,
formando tufos com 30 a 40 centímetros de
altura. Devido à sua abundante floração,



Fig. A — *Dianthus barbatus*

emprega-se na ornamentação de canteiros ou
em redor dos massiços de arbustos (FIG. A).

DIANTHUS SINENSIS (*Cravinas*)—*Planta*
proveniente da China, anual e bisanual, de

variados coloridos, própria para formação de bordaduras, massiços, etc. (FIG. B).

DIANTHUS PLUMARIUS (*Cravo Mignardise*)—*Planta vivaz, com caules numerosos, formando espessos tufos; convém, especialmente para decorações em lugares pedregosos.*



Fig. B — *Dianthus sinensis*

2.º—**Cravos propriamente ditos**—(DIANTHUS CARYOPHILLUS—*Cravo dos floristas*)

—incluindo tôdas as variedades de flôres grandes, cujas principais raças são:

FLAMENGOS, ARDOSIADOS E FANTASIA; *florescendo em Maio e Junho.*

MALMAISON e HASTE DE FERRO, *cuja característica principal é a da grossura e rigidez das suas hastes, que não vergam e não necessitam de estacas.*

REMONTANTES FANTASIA, REMONTANTES MALMAISON e PERPÉTUOS, *que florescem duma maneira contínua durante todo o ano e, muito especialmente, durante o inverno.*

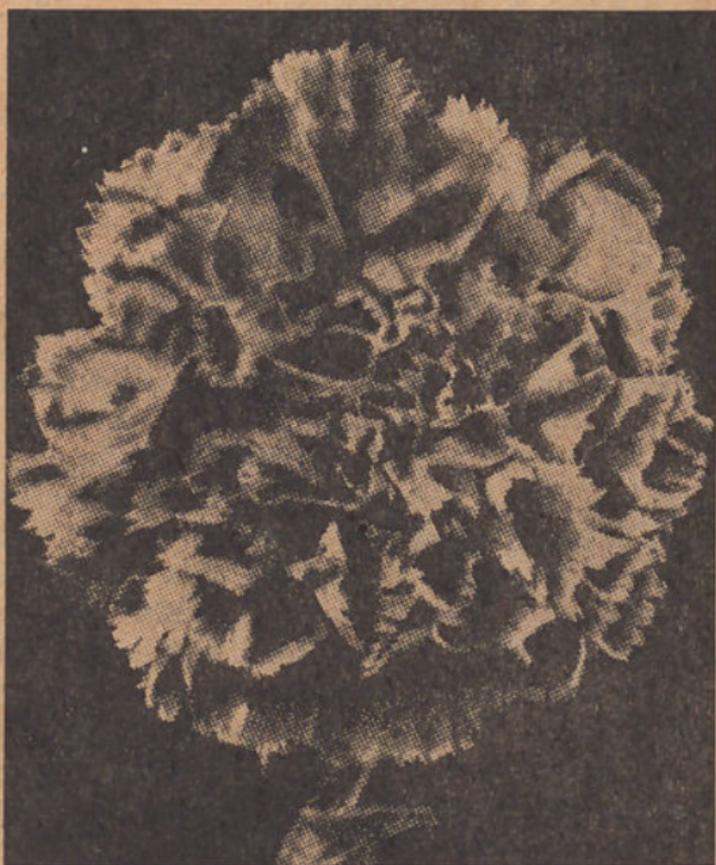
De tôdas as espécies de cravos, a Dianthus caryophyllus, é, sem dúvida, a mais importante e a que conta maior número de admiradores.

Em capítulo especial, incluimos uma lista das melhores variedades de craveiros, das muitas que contêm os catálogos das casas horticolas.

CAPÍTULO I

A T E R R A

Para se obter bons resultados na cultura dos cravos, convem que a terra seja franca, mais areenta que argilosa, devendo excluir-se a terra compacta.



Baroness M. de Briene

Na falta de terra franca, pode substituir-se por terra boa de horta, ou jardim, adicionando-se-lhe areia fina, numa proporção de dois terços, e terriço de estrume cavalari bem consumido, na percentagem de um terço.

Quando das transplantações para vasos ou culturas especiais, a terra deve preparar-se, da seguinte forma:

Estrume de galinha, bem decomposto	1 parte
Terriço de estrume cavalari, bem decomposto.	2 „
Terriço de folhas, bem decomposto	2 „

Esta mistura deve ser passada por um crivo, cujas malhas sendo largas, contudo, não deixem passar pedras.

A terra não deverá adubar-se em demasia, em virtude de prejudicar a cultura.

Quanto às regas, igualmente convem saber que, também a humidade em demasia lhe é prejudicial; além de apodrecer as raízes é a origem de várias doenças. Devem fazer-se, quando a terra esteja séca, de preferência pela manhã, e de maneira que a terra não fique inundada.

Para se obter bom resultado, é indispensável ser bem feita a drenagem dos vasos, não só para facilitar o escoamento da água das regas, como para permitir o acesso do ar à terra dos vasos.

Para isso, deve encher-se o fundo dos vasos com cacos meudos ou areia bastante grossa, con-vindo que os vasos sejam novos; os vélhos, lavam-se bem e limpam-se dos musgos, para que se lhes não tapem os póros e as raízes das plantas possam respirar livremente.

Necessitam de muita luz e sol, devendo colocar-se os vasos em sitios altos (bancos de pedra

ou louza, muros, etc.), mas em locais abrigados dos ventos. A vegetação, quando no chão, é má.

Durante os períodos de chuvas fortes, convem cobri-los com oleados ou abrigos envidraçados, porque, de contrário, além das plantas se ressentirem, também as flôres se estragam por completo.

CAPÍTULO II

ADUBAÇÕES

Durante a cultura, os craveiros devem ser regados com adubos líquidos, convindo prepará-los, com antecedência, numa barrica, da seguinte forma :

Água	80 partes
Estrume de vaca.	15 „
Estrume de galinha	5 „

Na ocasião de se empregar, adicionar-se-lhe-á água pura, na proporção de 5 partes para 1 da composição acima, devendo estas regas ser feitas, de preferência, ao fim da tarde e com a terra dos vasos bem molhada.

Como estas regas acabam por formar uma crosta sôbre a terra, é conveniente tirar-lha e preencher com terriço o espaço que fica vazio.

Quando o botão terminal estiver bem caracterizado, convem regar-se com uma solução de nitrato de sódio, na proporção de 1 grama por litro de água, devendo notar-se que, antes disso, regam-se com água limpa.

Há quem empregue adubos químicos, não sendo porém muito de aconselhar, porque, nem sempre, os resultados são satisfatórios.

CAPÍTULO III

CULTURA E MULTIPLICAÇÃO**CULTURA**

Os cravos podem cultivar-se quer em vasos, quer no chão. No primeiro caso, obtêm-se melhores resultados; no segundo, empregam-se na decoração de sacadas, terraços, canteiros de jardins, etc., formando-se açafates ou massiços muito elegantes com as suas múltiplas variedades. As melhores espécies para êste fim, são as *Remontantes*, por serem, no geral, mais vigorosas.

Os cuidados requeridos pelos craveiros, além dos que constituem a cultura geral, consistem em: Sujeitar-lhes as hastes com estacas, trazê-los bem limpos das folhas vélhas e das ervas, cortar com a unha as hastes fracas para as fazer ramificar e, no aparecimento dos botões, suprimir-lhe alguns, a-fim-de que os que ficam produzam flôres maiores e mais perfeitas.

Aos botões dos cravos, no geral, acontece que o cálice, em virtude de má conformação, ou porque encerre uma corola de peças muito numerosas, que não pode conter, abre só por um lado, deixando sair por ali as pétalas.

Nestas circunstâncias, a flôr é sempre imperfeita, dum aspecto irregular e desgracioso.

Esta forma viciosa de florescer pode remediar-se, envolvendo os botões, na parte mais grossa, com um pequeno fio de chumbo muito maleável, anéis de cautchouc, ou com anéis de papel espêsso, forçando, assim, o cálice a abrir pelo vértice, ou, quando os botões mostrem querer rachar, fender os folíolos do cálice, nas suas divisões naturais, com um canivete ou com a unha, cortando-se, além disso, pelo meio e transversalmente, os ditos folíolos para que, assim, as pétalas sáiam perfeitas.

Os craveiros para cultura durante a estação de inverno, devem escolher-se de plantas que provenham de reproduções feitas em Março e Abril, sendo necessário fazer-se três transplantações, de vasos menores para maiores, à medida que se vão desenvolvendo, espaçadas 60 dias apròximadamente, devendo a última ser feita em Julho.

A terra a empregar nesta cultura, deverá ser preparada conforme se indica no capítulo «Terra», para transplantações ou culturas especiais, convindo ser picada todos os vinte dias.

Limpam-se das folhas vélhas e ervas, espondo-se as primeiras hastes, a-fim de se ramificarem.

Em Julho, quando da última mudança de vasos, far-se-á também a última esponta. Desde Setembro principiam a regar-se, mensalmente, com o adubo líquido indicado no capítulo «Adubos».

Em Novembro, ou desde que tenham comêço as grandes chuvas, devem recolher-se a abrigos envidraçados, bem arejados e sêcos, convindo, que esta recolha se faça em ocasião, que as plantas estejam bem enxutas. Dêste momento por diante,

deverão, as regas com adubo, ser semanais e a terra picada ou sachada dois dias depois de cada rega.

Nas culturas de inverno deve suprimir-se todos os botões, que vão aparecendo, com excepção do botão terminal.

A-fim de evitar a podridão das pétalas, devido ao tempo chuvoso, polvilham-se com enxôfre amarelado e steatite cúprico, o que não prejudica as flôres.

MULTIPLICAÇÃO

A multiplicação dos cravos pode fazer-se por sementeira, alporque, mergulhia, estaca e divisão de pés.

Sementeira

A sementeira é, geralmente, o processo de multiplicação mais empregado e que mais depressa produz um maior número de plantas; é, porém, de resultados pouco seguros, sob o ponto de vista do «tipo», porque, no geral, só se conseguem flôres singelas, semi dobradas, mal feitas e de colorido medíocre.

Contudo, se as sementes não forem colhidas ao acaso e provierem de exemplares de primeira ordem, poderão obter-se algumas variedades de valor que sobejamente indemnizem os trabalhos havidos na sua aquisição.

Deve escolher-se semente de plantas que apresentem flôres mais dobradas e de melhor conformação.

Na época da floração, deve fazer-se a escolha das plantas obtidas, marcando-se as que mereçam ser reproduzidas.

Sucedem muitas vezes que um craveiro, cuja primeira flôr era magnífica, perde, em tamanho e colorido, com a reprodução, e outras, dá-se exactamente o contrário.

Para a sementeira, convem uma terra bastante leve, argilo-siliciosa, preparada com terriço de folhas bem decomposto, enchendo-se com ela os caixotes ou terrinas, onde se lançam as sementes; cobrem-se ligeiramente de terra e regam-se com um regador de raro fino, collocando-se a meia sombra. O seu nascimento efectua-se após dez a doze dias e, desde então, devem expôr-se ao sol, não demasiadamente.

Logo que as plantas apresentem quatro a oito folhas, devem transplantar-se para viveiros, de terra igual à da sementeira, à qual se juntará $\frac{1}{3}$ de terriço de estrume cavalari, bem consumido, convindo que as plantas fiquem distanciadas, umas das outras, 1 centímetro, em todos os sentidos.

Quando tenham 4 a 5 centímetros de altura, plantam-se, ou em pequenos vasos ou em canteiros, expostos ao sol.

As sementeiras fazem-se desde Fevereiro a Outubro, mas, as de Fevereiro a Abril, devem abrigar-se em estufins.

ALPORQUE

A reprodução por alporque tem a faculdade de perpetuar, com todos os seus caracteres, as variedades obtidas por semente, com a vantagem da nova planta se não destacar do pé mãe, sendo êste que a sustenta, enquanto se não encontra em estado de poder viver por si só.

As plantas a alporcar limpam-se das folhas velhas e hastes fracas, devendo cortar-se rentes as folhas, até meio, em cada rebento ou póla; depois, com um canivete bem afiado, praticam-se, de baixo para cima, dois córtes paralelos, em sentido longitudinal, com o tamanho aproximado de dois centímetros, fazendo-se destacar a parte interna (fig. 1).

Para conservar desviadas as partes em que se fazem os córtes, colocam-se uns pedacitos das folhas do craveiro, evitando-se, assim, que os golpes possam unir. Em seguida, introduz-se, por cima, um vaso sem fundo ou cortiço, que se enche de terra virgem (sem adubo), bastante arenosa, calcando-a, levemente, junto aos rebentos ou pólas.

Quando os rebentos, próprios para alporcar, estão situados a uma altura que não permite curvá-los, sem risco de se quebrarem, o que acontece em algumas variedades que se elevam muito, recorre-se ao alporque aéreo, dentro de pequenas placas de chumbo, em forma de cartucho, vasos ou cortiços, a que se dá o nome de gargantas, que se lhes adaptam, enchendo-as com terra (fig. 2).

No verão, é preciso manter uma humidade constante nos alporques, regando-os, de preferência, pela manhã.

Deixando de se regar um só dia que seja, durante o tempo quente, secam as raízes e perder-se-á todo o trabalho.



FIG. 1

A melhor época para efectuar os alporques é a de Maio a Julho, especialmente para os craveiros de floração normal (cravos Flamengos) e de fantasia, que raramente pegam de estaca.

Segundo as variedades, os alporques enraizam dentro de quarenta a sessenta dias.

Depois de enraizados, o que se nota pelo crescimento de novas folhas, separam-se do pé mãe, quebrando-se os vasos que os envolvem, tendo o

máximo cuidado em não partir as raízes; plantam-se em vasos, cuja terra deve ser igual e adubada, segundo as indicações para transplantações, mencionadas no capítulo «Terra».

As regas devem ser moderadas e os vasos colocados a meia sombra durante os oito primeiros dias.

MERGULHIA

E' um processo em tudo idêntico ao

do alporque, empregando-se apenas no caso das plantas a reproduzir estarem plantadas em plena terra ou grandes vasos. Antes de se fazer a mergulhia, tiram-se as folhas à parte da haste a enterrear e, dão-se os côrtes, como os indicados para os alporques, mergulhando-se a haste e cobrindo-a



FIG. 2

com terra, numa cova com dois a três centímetros de profundidade, regando em seguida.

Para facilitar a curvatura das pernas ou hastes, que se pretende mergulhar, deixa-se de regar a planta dois a três dias, antes da mergulhia, o que torna as hastes mais flexíveis; seguram-se à terra por meio de um gancho aplicado na curvatura (fig. 3).

ESTACA

A reprodução por estaca, assim como a do alporque e mergulhia, tem a faculdade de perpetuar, com todos os seus caracteres, as variedades obtidas por semente.

E' o processo mais conhecido e adoptado e, a-pesar disso, são poucas as pessoas que o sabem efectuar, resultando disso muitas decepções.

Esta forma de reprodução não serve para tôdas as variedades; dando optimos resultados para os «tipos» remontantes, contudo, na reprodução de outras variedades (Malmaison) o resultado é bastante eventual.

As estacas fazem-se no chão, vasos ou terrinas, em terra leve e areenta, numa exposição a meia sombra, devendo, as regas, ser moderadas durante o período de enraizagem, a-fim de se evitar o apodrecimento das raízes pelo excesso de água.

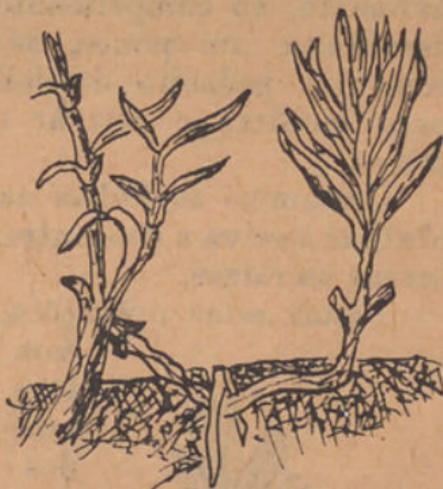


FIG. 3

Há duas maneiras de se fazer a reprodução por estaca.

A primeira, consiste em destacar a estaca da haste principal, cortando a canivete a sua base; em seguida, racha-se a base da estaca, longitudinalmente, no comprimento de 4 a 5 milímetros, desviando, um pouco, as duas hastes rachadas com um pedacito de folha da própria planta, para facilitar e activar o desenvolvimento das raízes.

Cortam-se as folhas na parte a enterrar, para obrigar a seiva a concentrar-se nos nós, que hão-de lançar as raízes.

Feitas estas operações, preparam-se os vasos com areia fina ou terra leve (não adubada) e plantam-se junto às paredes dos vasos; regam-se ligeiramente e põem-se a meia sombra, se fôr no verão, ou em estufins, quando feitas no inverno.



FIG. 4

A melhor época para se fazer as estacas, é nos meses de Junho e Julho, enraizando, segundo as variedades, entre 30 a 60 dias.

A segunda maneira, aplica-se às variedades de hastes grossas, obedecendo, em tudo, às indicações

dadas para a primeira forma, à excepção de que, em vez de se rachar a base da estaca, faz-se um corte sôbre um nó, como se indica na fig. n.º 4.

DIVISÃO DE PÉS

E' a forma menos adoptada e de resultados menos seguros.

Emprega-se simplesmente para plantas muito fortes e de várias hastes enraizadas, as quais se destacam, para se plantarem noutros lugares.

CAPÍTULO IV

AS DOENÇAS

Os defeitos de cultura são, na maioria dos casos, a origem de várias moléstias, não só dos cravos como também das demais plantas.

Além disso, os craveiros são muito atacados por inimigos animais, tornando-se necessário dar-lhes constante e tenaz combate. Não se fazendo preventivamente êste combate, a doença atacá-los-á e, embora se salvem, ficarão defeituosos.

Recomendamos, por isso, o maior cuidado com os tratamentos preventivos.

Passamos a citar as várias doenças e os tratamentos aconselhados.

Podridão — A podridão é motivada por regas muito abundantes e drenagens mal feitas, especialmente em terras compactas.

Cancro — E' resultante, muitas vezes, do abuso dos adubos, ou do seu emprêgo, quando mal decompostos.

Ferrugem (*Helminthosporium echinulatum*) — E' produzida por um cogumelo que ataca as folhas e se alastra muito rapidamente, às quais dá a côr da ferrugem, matando as plantas em

pouco tempo. Pode evitar-se esta doença, pulverisando ameudadamente as plantas com a seguinte solução:

Formol	1/2 grama
Permanganato de potassa	1/2 „
Amoníaco líquido	1/2 „
Pentasulfureto de potássio, líquido	3 „
Água	1 litro

Prepara-se esta solução da seguinte forma:

Deita-se o pentasulfureto em 1 litro de água, mexendo-se até ganhar uma côr amarela; depois, juntam-se os restantes ingredientes, prèviamente juntos noutra vasilha, mexendo-se bem. A sua applicação faz-se com um pulverizador de raro fino, tendo-se o cuidado de molhar bem as partes inferiores das folhas, por ser aí que, geralmente, principia esta moléstia.

Intercaladamente com êste tratamento, deverão enxofrar-se com enxôfre amarelo, convindo que esta operação se faça pela manhã e as pulverisações à tarde.

Branco (*Uromycecaryophillum*) — E' outra espécie de cogumelo que, como o anterior, ataca as páginas inferiores das folhas — placas esbranquiçadas — que também se alastram ràpidamente, matando a planta. E', em geral, motivada por estarem as plantas colocadas em lugares abafados, durante os períodos chuvosos e quentes.

Para o seu tratamento, procede-se da mesma forma que para a *Ferrugem*.

Violeta (*Peronospora Dianthii*) — E' ainda outra espécie de cogumelo, conhecendo-se pela sua côr violeta, como seu nome indica.

E' de todos, talvez, o mais terrível, em virtude de se propagar grandemente e das enormes devastações que produz; é conveniente queimar tôdas as folhas e plantas atacadas, quando estas já se não possam salvar. O seu aparecimento e desenvolvimento é consequência das plantas estarem expostas a chuvas prolongadas ou ainda, por se regarem em demasia, quando a terra esteja quente.

O tratamento indicado é o precedente.

Oidium — Não sendo muito freqüente, contudo, esta doença também ataca os craveiros.

Distingue-se pelas manchas esbranquiçadas nas páginas inferiores das folhas.

Combate-se como as anteriores doenças.

Anemia ou degeneração — Muitas vezes as plantas, sem causa aparente, degeneram e tornam-se anémicas. E' motivado pelo seu enfraquecimento, depois de decorridos alguns anos sôbre a multiplicação por mergulhia ou estaca.

Quando se dá êste caso, é melhor rejeitá-las, substituindo-se por novas variedades obtidas por sementeira.

Aranha vermelha — Insecto minúsculo que ataca os craveiros, matando-os em pouco tempo. Sabe-se que uma planta está atacada por êste inimigo, quando as folhas se nos mostram esbranquiçadas, à semelhança de pó. E' isto devido à enorme quantidade de pequeninas teias, feitas por ela, debaixo das quais suga a planta. Ataca-se êste mal, lavando as folhas da planta com uma esponja fina e água, misturada com o insecticida Truffaut, na proporção de 80 partes dêste insecticida para 1 de água. Também se pode empregar o arseniato de chumbo a 1 0/0. Em virtude do

enfraquecimento produzido nas plantas por êste insecto, é conveniente regá-las com uma solução de sulfato de ferro, na proporção de 1 grama por litro de água.

Pulgões — Iguualmente atacam muitíssimo os craveiros, sugando-lhes a seiva. Para a sua destruição emprega-se o insecticida Truffaut a 30 %.

Bicha cadela (*Forficula auricularis*) — E' um feroz inimigo dos craveiros, destruindo-lhes os botões e roendo-lhes as extremidades herbáceas. O meio adoptado para a sua destruição, consiste em cortar pedaços de cana, tapá-los de um dos lados, e colocá-los na terra.

Durante a noite, as bichas vão esconder-se dentro das canas; pela manhã, matam-se as que lá se tenham escondido.

Calocoris Chenopodii — E' uma pequena mosca, dum tom verde claro, a qual pica as hastes dos craveiros e deposita aí os ovos, nascendo depois pequenas lagartas que roem completamente a planta.

Devem apanhar-se e destruir-se, polvilhando-se as plantas com a seguinte solução:

Permanganato de potassa	$\frac{1}{2}$ grama
Formol.	$\frac{1}{2}$ »
Agua	1 litro

Formigas — Devem destruir-se por completo, por serem um inimigo dos craveiros. Não só revolvem tôda a terra, como também, são quem transportam os pulgões dumas plantas às outras, a-fim-de lhes sugarem um líquido assucarado que êles segregam.

CAPÍTULO V

**CALENDÁRIO DA CULTURA
DOS CRAVOS**

Janeiro — Nêste mês, devido às chuvas fortes, abrigam-se os craveiros, havendo, porém, o máximo cuidado em que lhes não falte o ar. Deve auxiliar-se os botões que estejam a querer desabrochar.

Fevereiro — Observam-se os mesmos cuidados a respeito das chuvas. Fazem-se as sementeiras sob abrigo e aplicam-se os tratamentos preventivos, indicados no Capítulo «Doenças».

Março — Principia a notar-se o desenvolvimento dos craveiros, continuando as sementeiras e reproduções, sob abrigo.

Abril — Por ser um mês bastante chuvoso e mais quente que os anteriores, deve haver o máximo cuidado com as chuvas fortes, que poderão ocasionar várias moléstias. Terminam nesta época as culturas sob abrigos envidraçados, continuando as reproduções por estaca.

*Mai*o — Nêste mês, tomam as plantas um grande desenvolvimento, principiando o crescimento das hastes florais, que se começarão a estacar. Não descurar os tratamentos preventivos, limpando-as de todos os insectos nocivos.

Junho — E' por excelência o mês dos cravos e a melhor época para as reproduções por mergulhia, alporque e estaca, ao ar livre. Terminam as regas com adubo, para as plantas floridas, não devendo parar-se com os tratamentos preventivos.

Julho — Subsistem os mesmos cuidados e trabalhos do mês anterior. Faz-se a última mudança de vasos, nas culturas para floração no inverno.

Agosto — Nêste mês, os craveiros alporcados em Julho, devem separar-se do pé mãe, plantando-se também os que provierem de estacas feitas na mesma data.

Setembro — Não se devem esquecer as regas adubadas, aos craveiros destinados a florirem no inverno, conforme se indica no capítulo «Cultura e Multiplicação».

Outubro — Aos craveiros provenientes das reproduções feitas em Junho e Julho, por alporque e estaca, faz-se a segunda mudança de vasos.

Novembro — Nesta época, os craveiros destinados à floração no inverno, recolhem-se a abrigos envidraçados, cobrindo-se também os que estejam plantados ao ar livre, evitando-lhes as chuvas fortes. Limpam-se das ervas e folhas velhas.

Dezembro — Continua-se com a limpeza das folhas velhas e presta-se a máxima atenção aos craveiros em abrigo.

LISTA

DE

Craveiros remontantes

para se obter boa coleção, com as variedades
- - mais floríferas e mais belos coloridos - -

- Sidónio Pais* — Grande, rosa vivo.
Alexis Didot — Amarelo palha e vermelho.
Aviateur — Rosa carregado.
Marmion — Vermelho cereja marginado de branco.
La Mutualité — Vermelho escuro, raiado de negro.
D. Maria da Assunção — Branco puro.
Renascença Portuguesa — Roxo claro, brilhante.
Alegria II — Branco listado de rosa viva.
D. Inês Guimarães — Vermelho damasco.
Gente lusa — Flor enorme, vermelho tijolo intenso.
Augusto Gomes — Branco, estriado de carmim, um dos mais floríferos.
Eduardo VII — Vermelho púrpura escuro.
Mme. Antoine Joly — Rosa vivo, centro amarelado.
Luís de Freitas — Branco crème, estriado de carmim.
Madeleine Rose — Rosa demasiado.
Rosendo Bacelar — Vermelho claro, matisado de salmão.
Fernando de Sousa Oliveira — Vermelho brilhante.
Formoso — Branco puro.
Président Poincaré — Lousa raiado de amarelo e salmão.
Carola — Carmezim carregado, aveludado.
Lady Nield — Vermelho cereja, marginado e pontado de branco.

- Carlos Coelho Dias* — Rosa cereja, bordado de branco.
- D. Albertina Soto Maior* — Vermelho lacre.
- Mme. Clais* — Malva claro com reflexos rosados.
- Maman Nigon* — Vermelho granada, raios vermelho vivo.
- Mary Arnsby* — Amarelo canário estriado de carmim.
- Cabo Mondego* — Vermelho castanho.
- Henrique Pereira de Oliveira* — Rosa assalmoada.
- Cipriano Forjáz* — Vermelho cardinal.
- David da Silva Portugal* — Púrpura estriado de branco.
- António Moreira da Silva* — Rosa polvilhada de carmim.
- Fernando Formigal* — Roxo escuro.
- La France* — Côr de rosa carregado.
- Miramar* — Amarelo salmão, estriado de carmim.
- Paul Nabonnand* — Rosa iluminado de carmim.
- Crepuscle* — Amarelo salmão e ardósia.
- Alberto N. Callamet* — Branco marfim estriado de lilaz.
- Senateur Bell* — Amarelo com estrias carmim.
- Lady Alington* — Rosa salmão.
- Gross Noire* — Vermelho escuro.
- Liger* — Rosa pálido.
- Mont-Fleury* — Rosa claro, estriado de lousa e rosa.
- Agath Nabounand* — Camurça claro, ponteadado de malva.
- Mireille* — Rosa escarlata.
- D. Idalina de Castro* — Branco camurça.
- D. António Barroso* — Rosa claro, estriado e salpicado de carmim.
- Dr. Pereira Osório* — Branco creme, rajado de vermelho.

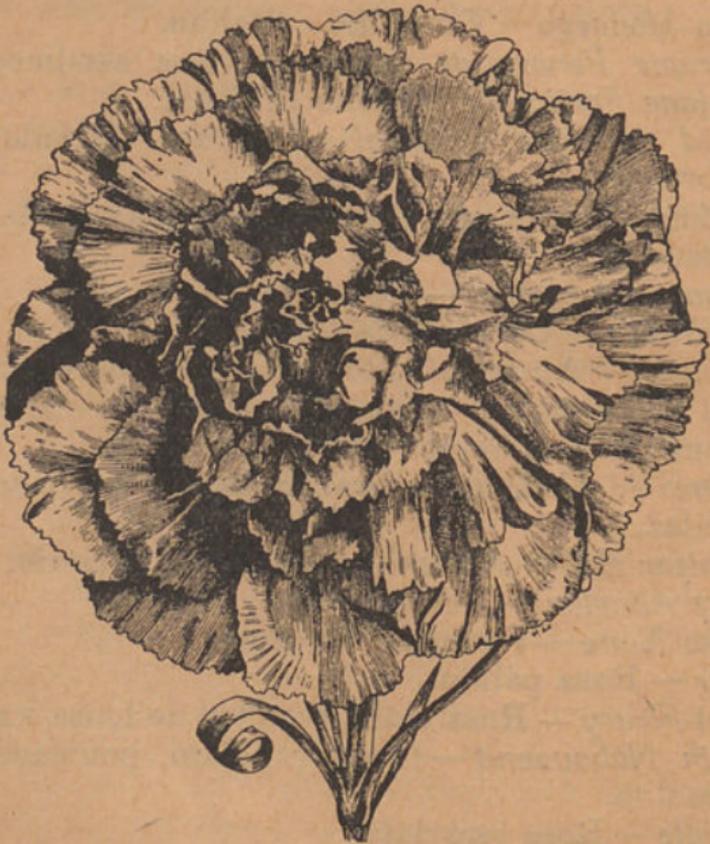
Colosse d'Antibes — Branco puro, enorme.

Mikado — Lousa, reflexos vermelhos.

Princesse de La Tour d'Auvergne — Salmão carregado.

Souvenir de Eugène Verdier — Vermelho granada matisado.

George Paul — Ardósia.



D. Laurinda da Cunha Mota

Bandeira Coelho — Amarelo estriado de carmim.

Roi des Noirs — Vermelho castanho anegrestado.

Baronesse M. de Briene — Côr de rosa coral.

Atalante — Branco rosado, finamente estriado de vermelho cereja.

Incomparable — Amarelo estriado.

Maria Avelina — Rosa perfeita.

Excelsior — Escarlata vivo.

Prince de Monaco — Branco estriado de rosa.

Pleur de Niège — Branco de neve.

Marlu — Vermelho coral.

Dr. Sebastião Magalhães Lima — Rosa carregado, muito perfumado.

Merveille de Boissy — Branco rosa, estriado de cereja.

Maria Amélia — Branco estriado de carmim.

Helène Muriel Dean — Roxo escuro, enorme.

Vila Adriano — Vermelho roxo, bordado de branco.

Mrs. Enot — Granada escuro.

D. Tita Mota — Amarelo camurça, palhetado de vermelho damasco.

D. Laurinda Mota — Branco lavado de lilaz.

Gago Coutinho — Côr de rosa assalmoado.

L'Odorante — Rosa assetinado.

Maréchal Joffre — Vermelho púrpura.

Magestic — Salmão.

Soleil d'Or — Amarelo canário.

Verdun — Vermelho granada.

Monte-Carlo — Roxo lilaz.

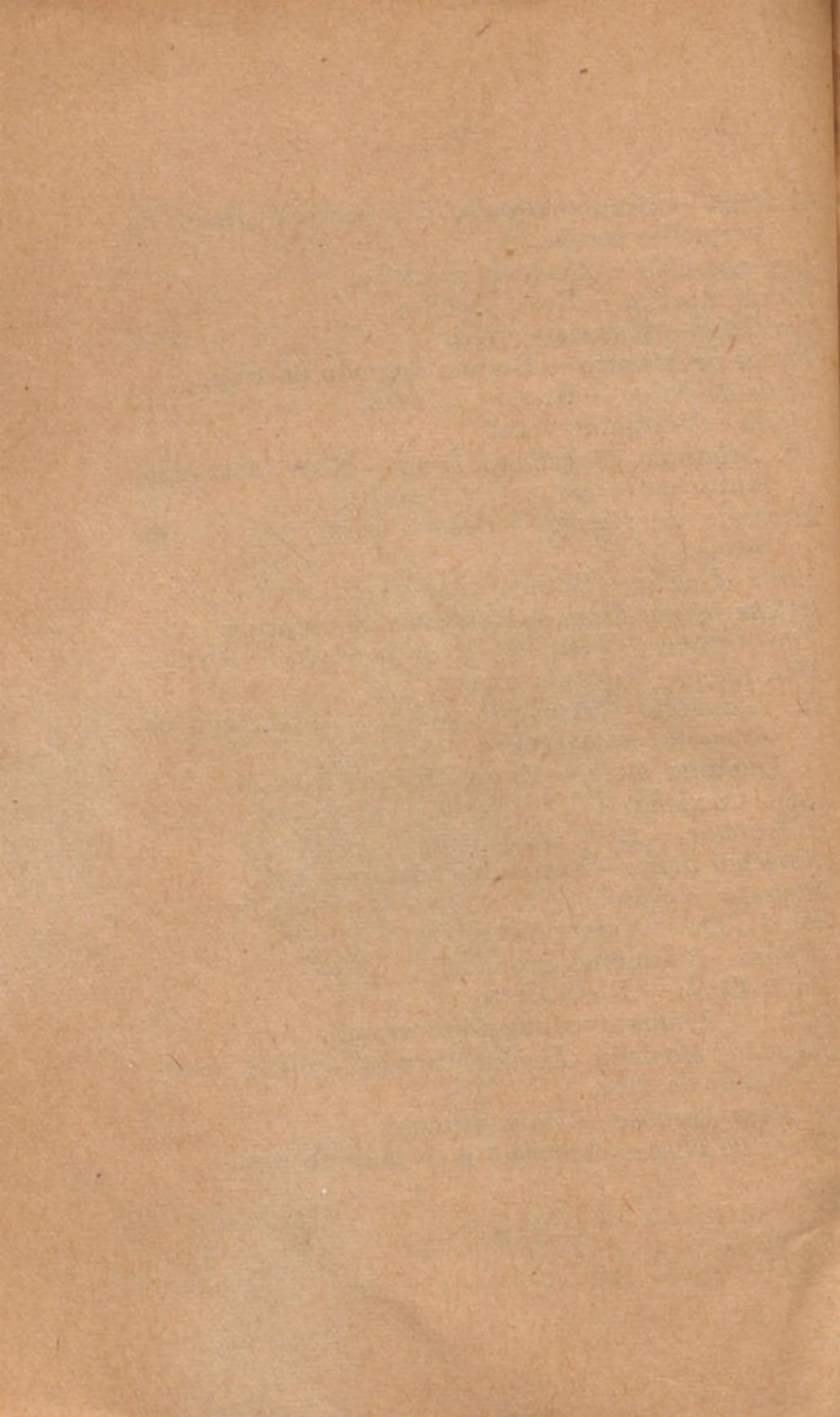
L'Iser — Amarelo salpicado de laranja.

Joaquim Monteiro Júnior — Branco crème, manchado de rosa.

D. Rosa Barbosa — Rosa mimosa.

Gloire de Nice — Amarelo pontuado de rosa.





Livraria do «Lavrador»

LIVRINHOS JÁ PUBLICADOS:

I — Manual do podador (4.ª edição)	2\$00
II — Doenças das videiras (3.ª edição).	1\$00
III — Doenças das fructeiras (3.ª edição)	1\$00
IV — O vinho: como se faz e conserva (3.ª edição)	1\$50
V — O desengace (2.ª edição)	1\$00
VI — Adubações (2.ª edição)	1\$50
VII — Manual do enxertador (3.ª edição)	1\$00
VIII — Cultura da batata (3.ª edição)	1\$00
IX — Oliveira (2.ª edição)	1\$00
X — O azeite (2.ª edição)	1\$50
XI — O Milho; cultura aperfeiçoada (2.ª edição)	1\$00
XII — Animaes uteis ao lavrador (2.ª ed.)	1\$50
XIII — Animaes nocivos ao lavrador (2.ª edição)	2\$50
XIV — As hortas; sua cultura racional (3.ª edição)	2\$00
XV — Os pomares (2.ª edição)	1\$50
XVI — A capoeira (3.ª edição)	2\$50
XVII — O gado (2.ª edição)	1\$50
XVIII — Guia do lavrador	\$50
XIX — Botanica e Agricultura	1\$00
XX — Prados e Pastagens	1\$00
XXI — Doenças internas, não contagiosas, dos animaes domesticos	2\$00
XXII — Doenças externas, não contagiosas, dos animaes domesticos	2\$00
XXIII — Doenças contagiosas e parasitarias dos animaes domesticos	2\$50
XXIV — O bicho da sêda	1\$00
XXV — A Agua — Como se procura nos ter- renos (2.ª edição)	1\$50
XXVI — Construcções agricolas	1\$50
XXVII — O Trigo — Como se obtém grande rendimento.	1\$00
XXVIII — Os Pinhaes — Como se conservam; como se augmentam	1\$00
XXIX — As Abelhas	1\$50
XXX — Ervas más	1\$00



CRAVOS

A nossa colecção de sementes de cravos é a melhor e a mais verdadeira.

Para a nossa colecção de sementes de cravos, indicamos os melhores cravos de cada uma das variedades e da colecção completa.

Soares & Rebelo, Lda

287



RÓMULO

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA



1329709435



CRAVOS

A nossa colecção de sementes de
cravos é composta das melhores
--- e mais lindas variedades ---

Peça o nosso catálogo grátis, no qual indicamos os preços
de cada uma das variedades e da colecção completa.



Soares & Rebelo, L.^{da}

Especialistas de sementes de hortaliças, flores e pastos

287, Rua dos Correeiros, 287

LISBOA